

O POETA DA REVOLUÇÃO

POR RICARDO LISIAS

Apesar de ser conhecido, com justiça, como grande poeta, Vladimir Maiakóvski (1893-1930) escreveu, além de versos, textos críticos, manifestos, cartazes de propaganda, peças de teatro e a curiosíssima autobiografia *Eu mesmo*. A versão final da autobiografia é de 1928 e mostra um artista convencido da importância do seu ofício: “Sou poeta. É justamente por isso que sou interessante”.

Pode-se dizer que a urgência de demonstrar a importância da poesia – e da arte em geral – no contexto da revolução comunista soviética foi uma das preocupações centrais de Maiakóvski e, dizem alguns críticos, talvez um dos motivos principais de seu suicídio. Vários poemas, sobretudo os realizados depois da revolução, falam da necessidade do cultivo de uma arte sofisticada, imperativo para o desenvolvimento da população.

Maiakóvski nasceu em uma família muito pobre, no interior da Geórgia. Cedo perde o pai e, com a mãe, muda-se para Moscou, onde divide o tempo entre a necessidade precoce de ganhar a vida e o interesse por educar-se. Também quando muito jovem surge o interesse pela política e logo Maiakóvski se enturma com os comunistas, o que lhe renderia, de cara, problemas com a justiça e algumas passagens pela cadeia.

O entusiasmo pela revolução caminha junto com outro, o estético, que faz Maiakóvski mergulhar nas vanguardas e trazer para a Rússia o futurismo que já se espalhara pela Europa. Começa então uma atividade que o acompanharia até a morte: a declamação de poesia

em espaços públicos, que muitas vezes era seguida de debates, às vezes muito acalorados.

A multidão era uma preocupação constante para Maiakóvski. Em *Como fazer versos*, uma espécie de teoria estética, ele afirma que “é preciso ter sempre diante dos olhos o auditório para o qual o poema se dirige. Isto adquire particular importância agora, quando o meio principal de comunicação com a massa é o palco, a voz, o discurso direto”.

ARTISTA EM AÇÃO

Recitando em lugares públicos, fazendo leituras para camponeses e operários, intervindo na imprensa e viajando pelo país, Maiakóvski transforma em ação o trabalho do artista, o que deixa evidente sua concepção de arte como instrumento de intervenção e, falando das manifestações artísticas de alto nível, enriquecimento cultural da população.

Em um de seus poemas mais famosos, “A plenos pulmões”, ele chega a, de fato, revestir a poesia de um poder bélico: “Poemas-canhões, rígida coorte/ apontando/ as maiúsculas/abertas./ Ei-la/ a cavalaria do sarcasmo,/ minha arma favorita/ alerta para a luta./ Rimas em riste/ sofrendo o entusiasmo,/ eriça/ suas lanças agudas. E todo/ este exército aguerrido,/ vinte anos de combates,/ não batido,/ eu vos doo,/ proletários do planeta,/ cada folha/ até a última letra” (trad. de Haroldo de Campos).

Se lembrarmos que é esse o último poema escrito por Maiakóvski, que traduz seu pensamento maduro, fica evidente que ele estava disposto, como um soldado, a doar sua poesia para a revolução.

REVOLUCIONÁRIO

Vários de seus poemas foram escritos para, basicamente, animar os revolucionários. Em 1918, ano decisivo para a revolução, o poema “Ordem aos Exércitos da Arte n. 1” clamava: “Camaradas, às barricadas!/ Eu digo:/ Barricadas da alma e do coração!/ Eu digo:/ Só é comunista verdadeiro/ aquele que queima as pontes de retirada” (tradução de E. Carrera Guerra).

Ainda assim, o que causaria enorme desgosto ao poeta, Maiakóvski não foi bem assimilado pelos revolucionários de primeira hora: eram constantes as acusações de “elitismo”.

Simplesmente, as pessoas diziam que ele não era um poeta compreensível para o público em geral. A isso ele sempre respondia que jamais poderia baixar o nível: as massas é que precisavam se educar. No entanto, esse paradoxo sempre foi um problema para ele, homem político por excelência.

TRÊS FASES

A obra poética de Maiakóvski, *grosso modo*, se divide em três fases, sempre considerando o gigantismo da produção e a diversidade de temas e formas. A primeira delas se estende dos primeiros anos até a época da revolução e contém os poemas mais marcados pela vanguarda.

É a época dos manifestos futuristas, das polêmicas com os clássicos e das leituras nos cafés. Alguns poemas dessa época têm alta voltagem lírica, como “Algum dia você poderia?”, aliás magistralmente traduzido por Haroldo de Campos: “Manchei o mapa cotidiano/ jogando-lhe a tinta de um frasco/ e mostrei oblíquas num prato/ as maçãs do rosto do oceano.// Nas escamas de

um peixe de estanho/ li lábios novos chamando.// E você? Poderia/ algum dia/ por seu turno tocar um noturno/ louco na flauta dos esgotos?”.

Depois, sempre sem ser estanke, o poeta volta-se para textos muitas vezes grandiloquentes, verdadeiros brados em que saúda os revolucionários. É do ano de 1917 o famoso e inspirado dístico – que teria sido repetido aos brados durante uma invasão: “Come ananás, mastiga perdiz./ Teu dia está prestes, burguês”. Na mesma época Maiakóvski está preocupado em consolidar o futurismo, recomendando-o aos leitores jovens e àqueles que se formariam com os novos tempos revolucionários.

É esse o conteúdo, por exemplo, da “Carta aberta aos operários”, redigida em 1918: “A revolução do conteúdo – socialismo-anarquismo – é inconcebível sem a revolução da forma: o futurismo. Disputem com avidez os pedaços da arte sadia, jovem e rude que lhes entregamos”.

A última fase, que corresponderia aproximadamente aos últimos cinco anos de vida do poeta, mostra um artista turbulento, preocupado com seu lugar em um ambiente em franca construção – e bastante nebuloso. É a época dos poemas longos, às vezes exaltados, às vezes irônico, caso do curioso “Conversa sobre poesia com o fiscal de rendas”: “Ao lado/ dos donos/ de terras e de vendas/ estou também/ citado/ por débitos fiscais./ Você me exige/ 500 rublos/ por 6 meses e mais/ 25 por falta/ de declaração de rendas”. Os poemas são bem ritmados, procuram ocupar o espaço da página de maneira marcante e, mesmo indiretamente, continuam a reflexão de Maiakóvski com a forma poética.

CANSAÇO E MORTE

Nos últimos anos, mesmo sem ter sido completamente aceito pelas massas, Maiakóvski já é um poeta importante e conhecido em todos os meios, oficiais ou não, da nascente União Soviética. O poeta, no entanto, parece cansado e desgastado depois de anos de contínuos embates públicos. Em 1930 ele se suicida.

O ato imediatamente causa comoção e espanto justamente devido à enorme vitalidade que a figura de Maiakóvski costumava transpirar. Testemunhos dão conta que a cidade de Moscou praticamente parou diante do velório do poeta, coisa que talvez ele não imaginasse por conta dos ataques à inacessibilidade de sua poesia.

Oito décadas depois, ele ainda é um dos grandes ícones da cultura da antiga União Soviética e, também, um dos principais artistas da modernidade ocidental.

NO BRASIL

O leitor brasileiro, ainda que não tenha acesso a grande parte dos textos de Maiakóvski, pode se considerar um privilegiado. Além de estudos profundos (caso do de Ângela Maria Ripellino), o poeta está presente em português em uma antologia organizada por Augusto e Haroldo de Campos, com Boris Schnaiderman, em que, junto com alguns poemas muito bem traduzidos, podemos encontrar uma pequena mas interessante coleção de trabalhos gráficos do poeta e algumas fotografias.

Quanto à poesia, há uma antologia realizada por E. Carrera Guerra e publicada pela antiga editora Max Limonad. Entre outros livros, ainda, a Editora Global publicou, em volume independente, o opúsculo “Como

fazer versos”, também traduzido no livro de Boris Schnaiderman. No mercado de livros usados não é difícil encontrar a biografia literária que Fernando Peixoto escreveu para o poeta. O livro entrelaça vida e obra e apresenta um bom panorama do momento histórico extremamente convulsivo que Maiakóvski viveu.

Por fim, vale a pena destacar dois livros muito interessantes que são de fácil alcance para o público em geral: *Mistério bufo* e *A geração que esbanjou seus poetas*. Os dois têm produção editorial muito cuidadosa e vão além da mera curiosidade, mergulhando em aspectos de Maiakóvski ainda pouco discutidos.

Mistério bufo é a peça de teatro que o poeta escreveu em 1918 e levou aos palcos três anos depois sob direção do famoso dramaturgo V. Meyerhold. No mesmo ano, conforme conta com orgulho o próprio poeta na sua autobiografia, a peça foi também representada, em tradução para o alemão, no III Congresso do Comintern, o que significa que o núcleo de dirigentes do movimento comunista aceitou o texto.

Maiakóvski tinha apenas 25 anos quando escreveu a peça; e o texto traz todas as suas preocupações àquela altura: em linguagem popular, personagens com nomes genéricos como “criado”, “sapateiro” e, entre outros, até uma “dama-histeria” compõem um drama épico cujo centro parece ser de fato a preocupação com os acontecimentos políticos recentes. Em determinado momento, por exemplo, o “Francês” adverte: “Vocês estão esquentando demais./ Prometemos e dividimos em partes iguais:/ para um – a rosca, para outro – o buraco dela./ A república democrática é por aí que se revela” (tradução de Dmitri Beliaev); ao que outra per-

sonagem, de sintomático nome “Mercador”, responde: “Então precisa alguém ficar com as sementes/ – não é a melancia para todos os dentes”.

O pequenino ensaio de Roman Jakobson, *A geração que esbanjou seus poetas*, é imperdível. Abatido com o suicídio do amigo, o famoso linguista tenta entender os motivos que o levaram a cometer tal ato e encontra na obra do poeta diversos sinais de que a morte sempre esteve presente em suas preocupações. Jakobson, ainda, observa como o contexto, profundamente desfavorável a um poeta com as ideias de Maiakóvski, ajudou-o a se decidir por terminar com a própria vida. Exemplo de crítica literária aguda e veemente, o livro é quase um complemento à própria obra de Maiakóvski que, curiosamente, sobreviveu à sociedade e à revolução que ele tão apaixonadamente tentou construir e defender.

RICARDO LISIAS é escritor e tradutor. É autor de, entre outros, *Duas praças*, *Anna O.* e *outras novelas*, *O livro dos mandarins*. É mestre em letras (Unicamp) e doutor na mesma área (USP).